

**ESTUDO DA OBRA OS SERTÕES PARA CRIAÇÃO DE LÉXICO
EM LIBRAS SOBRE FAUNA, FLORA E RELEVO A PARTIR DE
UMA EXPERIÊNCIA DE ENSINO COLABORATIVO**

*Study of the work Sertões for the creation of a léxico in libras about
fauna, flora and relief from a collaborative teaching experience*

Márcio Araújo de Almeida¹
marcio.araujo@ifbaiano.edu.br
ORCID: 0000-0002-0886-3068

Paulo Augusto Tamanini²
professor@tamanini.com.br
ORCID: 0000-0001-6963-2952

Matheus Anacleto da Silva³
Matheusanacletooficial17@gmail.com
ORCID: 0000-0003-0085-4260

RESUMO: O presente artigo relata uma experiência de ensino colaborativo de português para surdos por intermédio de um diálogo sobre a obra *Os sertões*, de Euclides da Cunha, entre aluno surdo, tradutor/intérprete de Libras/português e o professor de Língua Portuguesa. O objetivo da proposta foi fomentar a criação de vocabulário específico na Libras. A experiência de ensino se deu por meio da ferramenta Caderno Dialógico Digital. Por ora, ressaltam-se aspectos da fauna, flora, hidrografia e relevo do sertão nordestino a partir de *Os sertões*. Para tanto, foram estudados os aspectos iconográficos, geográficos, antropológicos e linguísticos deste romance pré-modernista. Após a análise desses indicadores, perceberam-se fotografias e imagens atrelando todos esses fatores a uma alfabetização visual que permitiu maior compreensão sobre a obra. Gravações e edições de vídeos foram feitas com a busca de registro histórico destas criações. Constatou-se que, devido às interações diretas e indiretas entre os profissionais (tradutor/intérprete e professor) e o falante nativo da Libras, era possível criar um material linguístico de grande valor social e educacional, uma vez que o Povo Surdo não tem acesso à maioria das obras literárias escritas em língua portuguesa.

Palavras-chaves: Libras. Os Sertões. Fauna. Flora. Ensino Colaborativo

ABSTRACT: This article reports a collaborative teaching experience of Portuguese for the deaf through a dialogue on *Os sertões*, by Euclides da Cunha, between deaf student, Libras / Portuguese translator / interpreter and the Portuguese language teacher. The purpose of the proposal was to encourage the creation of specific vocabulary in Libras. The teaching experience took place using the Digital Dialogical Notebook tool. For now, aspects of fauna, flora, hydrography and relief of the northeastern hinterland stand out from *Os sertões*. For this, the iconographic, geographic, anthropological and linguistic aspects of this pre-modernist novel were studied. After analyzing these

indicators, photographs and images were perceived, linking all these factors to a visual literacy that allowed a greater understanding of the work. Recordings and video editions were made with the search of historical record of these creations. It was found that, due to the direct and indirect interactions between the professionals (translator / interpreter and teacher) and the native speaker of Libras, it was possible to create linguistic material of great social and educational value, since the Deaf People do not have access to most literary works written in Portuguese.

KEYWORDS: Libras. Os Sertões. Fauna. Flora. Collaborative Teaching

INTRODUÇÃO

O presente trabalho é um relato de experiência das etapas de criação do vocabulário/Léxico na Libras (Língua Brasileira de Sinais) das espécies da fauna e flora e do relevo do sertão, relatados no romance Os Sertões de Euclides da Cunha. Pretende-se a partir desta proposta, contribuir com o desenvolvimento da Libras no que se refere ao aprendizado de Língua Portuguesa e de Literatura, possibilitar a adaptação/tradução da obra para que a comunidade surda tenha acesso na língua materna, mostrar a importância do uso de imagens no ensino de alunos surdos, servir de registro histórico para a comunidade surda, bem como fomentar mais traduções de obras literárias com acessibilidade. Nas etapas de produção do trabalho, é feita uma apresentação da situação atual das pessoas surdas com relação ao acesso à educação bilíngue, como também das dificuldades enfrentadas para que o ensino-aprendizagem de surdos seja possível. Logo em seguida, descreve-se o funcionamento do Caderno Dialógico Digital, sua proposta e o uso do mesmo para o ensino através de imagens na leitura e interpretação do romance. Fotos de algumas conversas no Caderno Digital e imagens usadas na produção do vocabulário são mostradas, além dos QR codes para que pessoas surdas e ouvintes possam visualizar os sinais criados. Em seguida, as etapas de tradução e interpretação são detalhadas sob a ótica de um processo complexo de análise linguística.

Um pouco sobre os surdos e sua educação no Brasil

As propostas desse trabalho de criação de Léxico e análise vocabular da obra surgiram devido à escassez de adaptações para Libras dos romances e documentos literários que são a base do ensino de Língua Portuguesa, Redação e Literatura nas escolas regulares brasileiras e fontes de estudo da linguística. A pessoa surda é vista como bilíngue pela sociedade, todavia os acessos à Libras e à Língua Portuguesa respectivamente não acontecem no período de aquisição de língua e nem da forma devida. Segundo Lenneberg (1967 apud QUADROS; e CRUZ, 2011) existe um período crítico para a aquisição da linguagem. Esse período “se iniciaria por volta dos 2 anos e se encerraria por volta da puberdade” (p.33).

Muitas pessoas surdas moram em cidades do interior onde não há associações de surdos, centros de AEE (Atendimento Educacional Especializado) e congêneres, mas que compartilham de movimentos políticos e culturais e são usuários das línguas de sinais.

Existem também outros surdos isolados nas zonas rurais, sem contato com a comunidade surda e que, da mesma forma que todos os surdos, constroem sua “formação de mundo através de artefato cultural visual” (STROBEL, 2008, p. 20), com grau linguístico diferenciado, através dos conhecidos gestos caseiros ou sinais familiares.

Estudo da obra Sertões para a criação de léxico em libras sobre fauna, flora e relevo a partir de uma experiência de ensino colaborativo

O povo surdo é composto por pessoas das zonas rurais, das zonas urbanas, índios, mulheres surdas, de comunidades quilombolas, surdos usuários das Línguas de Sinais, surdos oralizados⁵, surdos implantados⁶, com diferentes gêneros e sexualidades e muitos outros. Esses surdos também compõem o povo surdo e necessitam de acesso à informação e à comunicação como dizem os textos das Leis nº 10.436 (Lei de Libras) e nº 12.319 (Lei do Tradutor/Intérprete de Libras) sancionadas nos anos de 2002 e 2010 respectivamente e da Lei nº 13.146 (Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência).

A experiência de ensino:

A partir das propostas realizadas pela disciplina de Língua Portuguesa ministrada pelo professor José Radamés Benevides em anos anteriores no IF Baiano (Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Baiano), o caderno dialógico de comunicação entre os discentes e o docente para aprimoramento da leitura e escrita foi criado e utilizado durante alguns anos em sala de aula com os alunos regulares do ensino médio integrado do curso de agropecuária no mesmo Instituto. Em cadernos adquiridos pelos alunos, textos de diversos gêneros, imagens e relatos eram transcritos ou colados semanalmente e entregues ao professor. O docente, por sua vez, levava para sua residência, lia, respondia e fazia observações construtivas no intuito de incentivar mais produções.

Os sujeitos do diálogo

Visto que no Brasil, o povo surdo tem acesso tardio ao aprendizado de Libras(L17) e sucessivamente ao de Língua Portuguesa(L28); para os alunos surdos, esse trabalho já vinha acontecendo colaborativamente entre os profissionais de tradução/interpretação de Libras e o professor de Língua Portuguesa usando os cadernos dos próprios alunos e os momentos de Atendimento Educacional Especializado (AEE). Segundo dados, “mais de 90% das crianças surdas nascem de pais ouvintes que não usam a língua de sinais” (STROBEL, 2008, p. 35), como isso, “as crianças surdas são frequentemente expostas à língua de sinais como primeira língua em um intervalo de idade bem além da infância” (QUADROS; CRUZ, 2011, p. 5).

O meio do diálogo: o caderno dialógico digital

No ano de 2020, devido à pandemia do coronavírus, esse trabalho foi adaptado para versão digital através de grupo no aplicativo WhatsApp, sempre às quartas-feiras no turno vespertino, permitindo uma conversa direta entre o aluno e estes profissionais. Contudo algumas inquietações surgiram a partir da formação deste trabalho virtual (Figura 1). Como o Caderno Dialógico Digital (nomenclatura adotada pelo docente de Língua Portuguesa) tinha o objetivo de trabalhar a comunicação escrita em Língua Portuguesa via Internet com o aluno surdo e incentivar o aprendizado da mesma, surgiu a proposta de utilizá-lo para a análise e apreciação das obras literárias da língua portuguesa, conforme esclarece Oliveira (2009):

Diante da complexa realidade social contemporânea, a qual disponibiliza todo tipo de informação por meio dos mais variados sistemas linguísticos e aparatos tecnológicos, a escola necessita formar um cidadão capaz de interagir e se comunicar através de todos esses meios. Nesse contexto, uma linguagem constantemente utilizada é a visual. (Oliveira, 2009, p. 5)

Figura 1: Fotografia de parte da conversa no Caderno Dialógico Digital.



Fonte: Acervo dos Autores.

Todo esse trabalho também vem do incentivo específico de um grupo de estudo e pesquisa criado na região de Senhor do Bonfim na Bahia dentro do Instituto Federal Baiano (Grupo Libras-Português-Libras) com participação de vários profissionais surdos e ouvintes. Este ofertou, no ano de 2019, um curso de ensino de língua portuguesa como L2 para as pessoas surdas da região.

O diálogo sobre Os Sertões: fragmentos de uma conversa

Um dos romances escolhidos para o trabalho com a disciplina Língua Portuguesa, no ano de 2020, através do Caderno Dialógico foi o livro *Os Sertões*, de Euclides da Cunha, uma obra emblemática do período pré-modernista, publicada em 1902, e que seria lida por todos os alunos do terceiro ano do Curso Técnico em Agropecuária Integrado ao Ensino Médio. Um romance de caráter regionalista que narra acontecimentos da Guerra Sangrenta conhecida como Guerra de Canudos. Esta liderada por Antônio Conselheiro na região da cidade de Canudos no interior do Estado da Bahia durante os anos de 1896 e 1897. O livro é um relato histórico que mistura cultura, relevo, fauna e flora do Sertão brasileiro e um marco histórico da literatura e da história do Brasil; podendo ser analisado por várias áreas de conhecimento e ciências como Antropologia, Sociologia, Geografia, História, Linguística, entre outras. A obra possui uma característica crítica realista, abordando questões políticas, econômicas e sociais do Brasil no período pré-modernista.

Euclides da Cunha faz uso de linguagem cientificista para recriminar o nacionalismo e o ufanismo da sociedade brasileira neste período. Através da obra, o autor exemplifica como a população brasileira era retratada ou representada naquele período e de como o sertanejo/nordestino era estereotipado no âmbito nacional. Trata-se de uma prova científica e artística com objetivo de confrontar uma visão idealista do índio herói e do negro trabalhador.

Estudo da obra Sertões para a criação de léxico em libras sobre fauna, flora e relevo a partir de uma experiência de ensino colaborativo

A obra é extensa e dividida em três partes com as seguintes temáticas: “A terra”, onde o autor faz uma descrição do local, clima, relevo, vegetação e espécies de todo o Sertão e da seca que assola a região, e está dividida em cinco capítulos onde um estudo e análise descritiva são feitos; a segunda parte da obra chama-se “O homem”, também em cinco capítulos que compõem um estudo antropológico e sociológico da vida, dos costumes e das pessoas que compõem o Sertão Nordestino, ou seja, do próprio sertanejo; a seguir, na última parte da obra, está uma descrição da Guerra de Canudos, cenário onde grande parte da população nordestina foi dizimada e tem-se agora um estudo historiográfico que está dividido em 34 capítulos, sendo que nessa parte da obra temos quatro expedições feitas pelo exército brasileiro e o período referente ao “pós-guerra”, chamado pelo autor de “últimos dias”. Neste trabalho, centrou-se apenas na parte vocabular, como contribuição as etapas de produção da obra adaptada.

As imagens do diálogo/Das imagens, o diálogo

Sendo assim através do trabalho com esta obra, os profissionais ficaram defronte algumas inquietações. A primeira, acerca da inexistência de léxico suficiente na Libras ou nas Línguas de Sinais Brasileiras para relevo, fauna e flora típicos da região do sertão nordestino. A segunda foi de não haver adaptação deste romance acessível às pessoas surdas usuárias da Libras.

Logo, a criação de vocabulário específico para adaptação desta obra necessitava de apoio linguístico do aluno surdo Matheus Anacleto da Silva, aluno do terceiro ano do ensino médio do IF Baiano, que apesar de ser leitor assíduo da Língua Portuguesa e usuário fluente da Libras, não dominava ou desconhecia termos e variações regionais descritos no livro; além, é claro, da dificuldade nos aspectos morfossintáticos do Português que diferem das Línguas de Sinais.

A seguir o professor de Língua Portuguesa iniciou, em três etapas distintas, diálogos de análises dos aspectos geográficos, da vegetação e das espécies animais de toda a região do Sertão descritas no livro (Figuras 2 e 3), indagando ao aluno sobre o conhecimento ou desconhecimento dos nomes dos mesmos. Após, o aluno surdo e o docente retornavam com fotos pesquisadas via site Google Imagens (Figuras 4 e 5), ressaltando assim como as imagens são importantes para contextualização e compreensão da obra literária. Ao mesmo tempo, o profissional Tradutor e Intérprete de Libras acompanhava as discussões, auxiliando no processo de tradução e fazendo as devidas anotações deste Léxico específico. Lembre-se aqui que o povo surdo faz uso dos vocábulos da Língua Portuguesa organizando as frases e os períodos na estrutura sintática da Libras, e nem sempre as pessoas ouvintes conseguem compreender devido à falta de socialização. O professor de Língua Portuguesa acima descrito já possuía contato habitual e também experiência com ensino de L2 para surdos.

Figura 2: Fotografia de parte da conversa no Caderno Dialógico Digital.



Fonte: Acervo dos Autores

Figura 3: Fotografia de parte da conversa no Caderno Dialógico Digital.



Fonte: Acervo dos Autores

Estudo da obra Sertões para a criação de léxico em libras sobre fauna, flora e relevo a partir de uma experiência de ensino colaborativo

Figura 4: Fotografia da Queixada.



Fonte: Google Imagens.

Figura 5: Fotografia da Barriguda



Fonte: Google Imagens.

Associado a isso, o profissional da Libras, Márcio Araújo, já possuía um canal na plataforma de streaming chamada YouTube, onde um sinalário (dicionário de léxico em e da Libras) com cerca de dez mil verbetes/vocábulo, diversas aulas e vídeos sobre Libras e Cultura Surda são disponibilizados e acessíveis à toda comunidade surda (Figuras 6 e 7). Todavia mesmo com todo esse acervo digital em vídeos, o Léxico específico do romance ainda não existia na plataforma. Inicia-se a jornada de pesquisa por léxico destas áreas específicas através da internet, livros, mídias sociais e artigos científicos. Mesmo com toda a busca, a glosa relativa à parte geográfica e às espécies de plantas e animais do Sertão nordestino ainda não existiam. Apenas trabalhos relacionados à outras áreas

Márcio Araújo de Almeida, Paulo Augusto Tamanini e Matheus Anacleto da Silva

de conhecimento, à outras obras literárias ou alguns termos genéricos do vocabulário específico relativo ao Sertão que foram também incorporados ao trabalho foram encontrados.

Figura 6: Logomarca do canal do Autor no Youtube.



Fonte: Acervo do Autor

Figura 7: QR Code para acesso ao canal do Youtube do Autor



Fonte: Acervo do Autor

O Nordeste faz uso de termos linguísticos regionais e devido à sua extensão, quantidade de unidades federativas e dialetos locais; o arcabouço linguístico é imenso. Com isso, o enfoque precisou ser mantido no Livro (Os Sertões) proposto no Caderno Dialógico Digital.

Primariamente, o estudante surdo, mediado pelo Tradutor Intérprete de Libras (também professor de Língua Portuguesa) em cooperação com o docente de Português do Instituto, analisou as fotografias e as explicações dos conceitos deste vocabulário proposto para seu entendimento sobre a localização e as características visuais de morros, montanhas, depressões, chapadas, vegetação em geral, assim como também animais típicos da região. Sendo a Libras uma língua visuo-espacial, seus parâmetros fonológicos precisam ser respeitados no processo de criação de novos sinais (vocábulos), bem como a participação de profissionais de áreas científicas diversas é necessária para embasamento teórico e prático de sua produção, visto que é da interação do surdo com o intérprete e com o conteúdo que está estudando que nasce o sinal1010. Destaque-se aqui que a Libras é uma língua e como toda língua, ela é um fenômeno social que flui na criação automática e natural de seus vocábulos

pelo seu povo e permitem seu uso em diversos contextos sociais, profissionais, de ensino e pesquisa.

Estudo da obra Sertões para a criação de léxico em libras sobre fauna, flora e relevo a partir de uma experiência de ensino colaborativo

Por ser morador da região do Sertão nordestino, o aluno surdo já possuía subsídios visuais e contato com espécies de animais, de plantas e morros próximos a sua cidade de moradia (Filadélfia/BA), porém ele desconhecia a maioria dos nomes empregados na designação de animais, vegetais e relevo. Este trabalho subsidiou de forma adequada a sua compreensão e auxiliou na criação dos sinais. Mapas do Sertão, da região Nordeste, da Bahia, de relevo, hidrografia, vegetação e clima (Figuras 8, 9 e 10) foram apresentados ao aluno através da plataforma digital WhatsApp para que ele pudesse compreender a conexão entre todos estes mapas e área geográfica denominada Sertão nordestino.

Em seguida, a descrição geral do Sertão foi feita, sempre perguntando ao aluno o que ele conhecia ou desconhecia. Os seguintes dados foram apresentados e discutidos na sequência:

Figura 8: Fotografia do barro vermelho



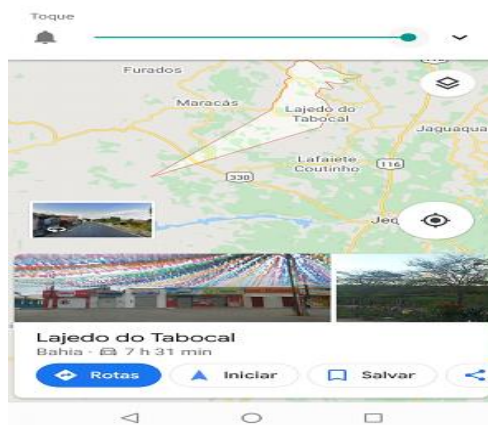
Fonte: Google Imagens

Figura 9: Fotografia da Serra da Furna



Fonte: Google Imagens

Figura 10: Fotografia de localização no Google Maps



Fonte: Google Maps

Segundo TAMANINI e SILVA (2020):

Afirmar que os livros didáticos alimentam um chavão acerca dos nordestinos não é novidade. Um rápido levantamento bibliográfico mostra que há décadas, muitos escritores enxergam os nordestinos somente pelos sotaques e trejeitos carregados, cômicos e estridentes, fervorosamente católicos, rústicos, briguentos, etc. Verificamos também que, com muita frequência, os livros didáticos confabulam tal imaginário, reforçam as parcialidades, deixando de ensinar nas escolas o outro lado. (TAMANINI; SILVA, 2020, p. 6)

Como dito pelos autores acima citados, os livros didáticos, bem como a mídia no uso de “imagens ressecadas” (TAMANINI; SILVA, 2020) não colaboram para a superação de estereótipos e interpretações distorcidas do Nordeste e do Sertão. Devido a isso, outras informações surgiram através de fotos e imagens e por indagações do próprio aluno sobre o sertão não ser apenas uma área de secas, fome e miséria, mas também de rica produção agrícola, extensões de águas e belíssimas fontes de turismo.

Descrição e análise do trabalho com as imagens para a tradução/interpretação

Para o trabalho de tradução e interpretação, uma análise histórico-antropológica da Guerra de Canudos centrada em Antônio Conselheiro com os aspectos físicos do povo sertanejo, como as vestimentas típicas, as etnias e as religiosidades retratadas por Euclides da Cunha foi necessária (Figura 11).

Figura 11: Prisioneiros do arraial de Canudos após o confronto com o Exército retratado em “Os sertões”; a foto fez parte da exposição “Euclides da Cunha. Os sertões — testemunho e apocalipse”, na Biblioteca Nacional.

Estudo da obra Sertões para a criação de léxico em libras sobre fauna, flora e relevo a partir de uma experiência de ensino colaborativo



Fonte: Biblioteca Nacional

Toda essa descrição foi citada para embasar, o quanto de informações faziam-se necessárias nesse trabalho e de como a pesquisa e análise prévias são de absoluta precisão para uma produção acadêmica em Libras e em qualquer idioma. E esta torna-se mais complexa quando imagens não são utilizadas. Sem o uso de imagens seria impossível fazer com que o aluno surdo (alfabetizado de forma visual) compreendesse ou entendesse a localização, formação, criação e toda a extensão da região estudada. De acordo com Heberle (2010):

[...] a importância de se considerar o modo como outros recursos semióticos, além da linguagem verbal, se inter-relacionam em textos, visto que a realidade vivenciada por nossos alunos e por nós na sociedade contemporânea exige ações imediatas no sentido de se viabilizar ações pedagógicas que estimulem o desenvolvimento da ‘competência comunicativa multimodal’ (HEBERLE, 2010, p. 3).

Iniciou-se um trabalho de garimpo de imagens na Internet, nas conversas de Whatsapp e também de sites específicos de análise da obra. Após análise dos aspectos visuais e descritivos, o tradutor e intérprete coletou os sinais preexistentes em arquivo de texto e voz; o aluno surdo foi incentivado a criar os sinais inexistentes para uma glosa específica a ser

organizada em Playlists (galerias de vídeos) do Youtube e depois esses sinais serão usados na adaptação/tradução da obra Os Sertões para a Libras.

Acerca das interpretações/traduições prévias dos vídeos escolhidos, o Tradutor/Intérprete de Libras e Língua Portuguesa anotou os sinais com as descrições dos parâmetros e usou desenhos pictográficos; delimitou tempo de gravação; gravou áudio em Língua Portuguesa usando aplicação de celular com a narração das descrições dos sinais; ajustou iluminação, fundo, foco e posição da câmera; verificou se o vestuário estava apropriado ao contraste de cores do fundo e da iluminação; iniciou a gravação da sua interpretação/tradução; assistiu o vídeo para ver a qualidade do conteúdo e da imagem; retirou o vídeo do celular ou câmera transferindo-o para o computador; através de programa editor de vídeos e imagens ampliou, cortou, suprimiu, retirou áudio e verificou conteúdo (um tempo de cerca de 2h foi gasto na edição de cada 30min

Márcio Araújo de Almeida, Paulo Augusto Tamanini e Matheus Anacleto da Silva

de vídeo a depender dos recursos usados); fez upload (postagem) dos vídeos para o Youtube gerando endereços eletrônicos (links), separou os vídeos em galerias (playlists), incorporou fotografias e imagens a tela inicial de cada vídeo e por último gerou, através de aplicativo de celular, os QR Codes utilizados neste trabalho. Todas essas etapas foram necessárias segundo os preceitos de complexidade da Libras conforme considerações de Quadros e Karnopp (2004):

As línguas de sinais são, portanto, consideradas pela linguística como línguas naturais ou como um sistema linguístico legítimo e não como um problema do surdo ou como uma patologia da linguagem. Stokoe, em 1960, percebeu e comprovou que a língua de sinais atendia a todos os critérios linguísticos de uma língua genuína, no léxico, na sintaxe e na capacidade de gerar uma quantidade infinita de sentenças [...] observou que os sinais não eram imagens, mas símbolos abstratos complexos, com uma complexa estrutura interior. Ele foi o primeiro, portanto, a procurar uma estrutura, a analisar os sinais, dissecá-los e a pesquisar suas partes constituintes. (QUADROS; KARNOPP, 2004, p. 30).

Foram produzidas as seguintes categorias: cidades baianas e nordestinas (Figura), animais típicos do Sertão (Figura), espécies de plantas nativas do Nordeste (Figura), sinal da Guerra de Canudos (Figura), sinal do autor Euclides da Cunha (Figura), sinal da região geográfica denominada de Sertão (Figura), sinal do bioma Caatinga (Figura) e além disso diversos outros sinais utilizados na obra como verbos, objetos, vestimenta e expressões estão distribuídos em outras galerias de vídeos já postadas no canal do Youtube Mustruia Dezoito.

Figura 9: QR Code da playlist das cidades baianas



Fonte: Acervo do Autor

Figura 10: Sinais das espécies de animais típicos do Nordeste



Fonte: Acervo do Autor

Estudo da obra Sertões para a criação de léxico em libras sobre fauna, flora e relevo a partir de uma experiência de ensino colaborativo

Figura 11: Sinais das plantas nativas do Nordeste



Fonte: Acervo do Autor

Figura 12: Sinal da Guerra de Canudos



Fonte: Acervo do Autor

Figura 13: Sinal do Autor Euclides da Cunha



Fonte: Acervo do Autor

Figura 14: Sinal da área geográfica e cultural Sertão



Fonte: Acervo do Autor

Figura 15: Sinal do bioma Caatinga



Fonte: Acervo do Autor

Quanto aos sinais relativos ao relevo, um trabalho foi feito através do Google Maps para que o aluno pudesse compreender onde cada morro, montanha, chapada, distrito, povoado e cidade do Sertão está localizado como relatado no livro de Euclides da Cunha.

Conforme dito por Santaella (2012):

[...] uma aprendizagem mais sistematizada do que se poderia chamar uma “alfabetização visual”, com a finalidade de desenvolver uma recepção crítica das imagens que permita discutir as práticas do olhar e as práticas de produção, circulação e construção de sentidos atribuídos a elas. (SANTAELLA, 2012, p.1)

Assim, com o uso de imagens e vídeos, um processo de alfabetização visual voltado a esta obra e a tantas outras foi iniciado para que o aluno conseguisse visualizar a obra Os Sertões de Euclides da Cunha não só nos aspectos sociais, mas também nos aspectos históricos, geográficos, culturais e econômicos.

CONCLUSÃO

A partir de estudos das línguas de sinais e das línguas orais, pôde-se inferir que o uso de imagens é meio fundamental para compreensão e para a interpretação de obras literárias, livros didáticos e estudos acadêmicos em geral. Através de uma análise inconsciente ou consciente da imagem, o sujeito surdo que é visual incorpora leituras e avança no processo de ensino-aprendizagem; como também os significantes e os significados de uma palavra/sinal sofrem alterações de uma língua/cultura para outra. Não apenas os alunos e alunas surdos, mas todo e qualquer aluno cria interpretações e compreensões mais profundas com uso da visualidade.

Este trabalho trouxe contribuições para a comunidade surda acadêmica, para alunos surdos do ensino médio e também proporcionou aos envolvidos aquisições profissionais e linguísticas enriquecedoras. Este projeto é parte de um acervo histórico do e para o povo surdo, bem como é uma prova de como a inclusão de surdos através do ensino-aprendizagem de Língua Portuguesa e Libras é possível se feito respeitando as variações e diferenças linguísticas.

Estudo da obra Sertões para a criação de léxico em libras sobre fauna, flora e relevo a partir de uma experiência de ensino colaborativo

REFERÊNCIAS

AB'SÁBER, Aziz Nacib. Os domínios de natureza no Brasil: potencialidades paisagísticas. 4ª ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2007. 159p.

ADAS, Melhem; ADAS, Sérgio. Expedições Geográficas. 1ª ed. São Paulo: Moderna, 2011. 280p.

BRASIL, Constituição (2002), LEI Nº 10.436, DE 24 DE ABRIL DE 2002. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/110436.htm. Acesso em: 15 nov. 2020.

BRASIL, Constituição (2010), LEI Nº 12.319, DE 1º DE SETEMBRO DE 2010. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2010/lei/112319.htm. Acesso em: 15 nov. 2020.

BRASIL, Constituição (2015), LEI Nº 13.146, DE 6 DE JULHO DE 2015. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/113146.htm. Acesso em: 15 nov. 2020.

CAMPELLO, Ana Regina e Sousa. Pedagogia Visual / Sinal na Educação de Surdos. Estudos Surdos II / Ronice Müller de Quadros e Gladis Perlin (organizadoras). Petrópolis, RJ: Arara Azul, 2007.

CAPOVILLA, Fernando C., Raphael, Walkiria, Macedo e Eliseu. Manual Ilustrado de Sinais e Sistema de Comunicação em Rede para os Surdos. Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. São Paulo, 1998.

CUNHA, Euclides da. Os Sertões. São Paulo; Editora L&PM Pocket (1201), 2016.

EMBRAPA – Empresa Brasileira De Pesquisa Agropecuária. Disponível em: <https://ainfo.cnptia.embrapa.br/digital/> Acesso em: 15 nov. 2020.

FERNANDES, S.; MOREIRA, L.C. Desdobramentos político-pedagógicos do bilinguismo para surdos: reflexões e encaminhamentos. Revista Educação Especial, Santa Maria, v.22, n.34, p.225-236, 2009. Disponível em: <<http://cascavel.ufsm.br/revistas/ojs-2.2.2/index.php/educacaoespecial/article/view/275>>. Acesso em: 01 nov. 2020.

HEBERLE, V. Critical reading: integrating principles of critical discourse analysis and gender studies. Ilha do Desterro, Florianópolis, n. 38, p. 115-138, 2000.

IBGE – Instituto Brasileiro De Geografia E Estatística. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/geociencias/cartas-e-mapas/mapas-regionais/15974-semiarido-brasileiro.html?=&t=o-que-e>. Acesso em: 15 nov. 2020.

LUDMILLA SOUZA. Repórter da Agência Brasil (Org.). Acordo com Sabesp antecipa chegada de água do São Francisco à Fortaleza. 2017. Disponível em: <<http://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2017-08/acordo-com-sabesp-antecipa-chegada-de-agua-do-sao-francisco-fortaleza>>. Acesso em: 15 nov. 2020.

OLIVEIRA, Maria Márcia Costa. Alfabetização visual: uma abordagem arte-educativa para a contemporaneidade. Estudos Semióticos. Disponível em: <http://www.fflch.usp.br/dl/semiotica/es>. Editores Responsáveis: Francisco E. S. Merçon e

Márcio Araújo de Almeida, Paulo Augusto Tamanini e Matheus Anacleto da Silva

Mariana Luz P. de Barros. Volume 5, Número 1, São Paulo, junho de 2009, p. 17–27. Acesso em: 15 set 2020.

QUADROS, R.M; CRUZ, C.R. Língua de sinais: instrumentos de avaliação. Porto Alegre: Artmed, 2011.

QUADROS, R. M. de; KARNOPP, L. B. Língua de sinais brasileira: estudos linguísticos. Porto Alegre: Artmed, 2004.

ROSS, Jurandyr L. Sanches. Geografia do Brasil. 5ª ed. São Paulo: Edusp, 2008. 552p.

RUDNER, Aaron; PEREIRA, Maria C. Pires; PATERNO, Uéslei. Laboratório de Interpretação – I, Florianópolis, 2010.

SANTAELLA, Lucia. Leitura de imagens. São Paulo: Melhoramentos, 2012.

STROBEL, K. As imagens do outro sobre a cultura surda. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2008.

TAMANINI, Paulo Augusto; SILVA, Enock D. Roberto da. Matrizes De Pensamento Sobre O Nordeste. In: TAMANINI, Paulo Augusto; SILVA, Enock D. Roberto da. Imagens Ressecadas: a representação iconográfica do Nordeste nos Livros Didáticos de História. Mossoró: Pimenta Cultural, 2020, p. 1 – 14.